
ENTREVISTA COM REGINA PRZYBYCIEN

INTERVIEW WITH REGINA PRZYBYCIEN



Entrevistada por:
Rodrigo Tadeu GONÇALVES*
Layla Gabriel de OLIVEIRA**
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, Paraná, Brasil

Filha de pais poloneses, Regina Przybycien é professora aposentada da Universidade Federal do Paraná. Graduada em Letras (1972) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; mestre em Inglês (1980) pela *Louisiana State University*, Estado Unidos da América, e doutora em Estudos Literários (1993) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista da Fulbright, fez o doutorado sanduíche na Universidade Harvard. Por seis anos foi professora visitante de Literatura Brasileira na Universidade Jagiêłônica de Cracóvia, Polônia. Atuou na área de Literatura Comparada, com ênfase nas literaturas norte-americana, brasileira e polonesa, desenvolvendo pesquisas sobre poesia feminina, estudos de gênero e estudos pós-coloniais.

Foi a primeira pesquisadora no Brasil da obra de Elizabeth Bishop, tema de sua tese de doutoramento, publicada em livro com o título *Feijão preto e diamantes – O Brasil na obra de Elizabeth Bishop* pela Editora da UFMG em 2015. Organizadora da coletânea de ensaios *Poetas mulheres que pensaram o século XX*, Editora da UFPR, 2008.

É tradutora da obra da poeta polonesa Wislawa Szymborska, ganhadora do prêmio Nobel de 1996, de quem traduziu três livros: *Poemas*, (2011), *Um amor feliz* (2016) e *Para meu coração num domingo* (2020, no prelo), os três publicados pela Companhia das Letras. *Um amor feliz*, ganhou, em 2016, o prêmio de melhor livro em tradução da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

RECEBIDO EM: 29 de outubro de 2019

ACEITO EM: 25 de fevereiro de 2020

PUBLICADO EM: março 2020

1 *Suas traduções de Szymborska pela Companhia das Letras hoje são referência nacional. Quando você começou a traduzir? Como você chegou a ser uma tradutora de poesia polonesa?*

Acho que foi lá pelos idos de 2005-2006. Antes eu havia traduzido uns contos de língua inglesa publicados em duas antologias com vários outros tradutores, mas nunca houve uma decisão consciente de minha parte de me tornar tradutora. Comecei a traduzir alguns dos meus poemas favoritos de Wislawa Szymborska como exercício de leitura, para praticar a língua polonesa. Essa atividade durou uns cinco anos. Eu engavetava os poemas, deixava passar um tempo, depois os retomava e revisava. No final de 2010 tinha 45 poemas traduzidos. A conselho de amigos, entrei em contato com a Cia. das Letras, que de imediato aceitou publicá-los. O livro *Poemas* (2011), que tornou Wislawa Szymborska conhecida e admirada no Brasil, representou a minha estreia como tradutora.

2 *O que te levou do trabalho acadêmico como professora de língua e literatura na UFPR ao campo da tradução profissional?*

Minha atividade acadêmica, primeiro na UFOP e depois na UFPR, foi na área de literaturas de língua inglesa e literatura comparada. Sempre gostei de trabalhar com a perspectiva comparatista, o que me levou a um interesse pela tradução literária, mas como campo de estudo, não como prática tradutória. Tornei-me tradutora da poesia de Wislawa Szymborska meio por acaso, por gostar muito dela. Não me vejo como uma tradutora profissional, pois só traduzo poesia com a qual me identifico.

3 *É comum ouvir, entre aqueles que mexem com tradução, que alguma coisa é intraduzível. O que você pensa disso?*

A tradução envolve recriar numa outra língua os sentidos da língua fonte. Há conceitos que funcionam muito bem numa língua e parecem recalcitrantes quando se tenta colocar neles a roupagem de outra. A relação entre som e sentido, importante em qualquer palavra, é vital na palavra poética. Ao traduzir, tentamos recriar em outro código, lançando mão de outros recursos, os jogos de som e sentido apreendidos na nossa leitura do texto fonte. Às vezes

conseguimos um resultado satisfatório. Outras vezes fracassamos e concluímos que esse conceito, ou esse jogo de palavras, é intraduzível. Mas talvez seja apenas para nós. Outro tradutor mais criativo pode transformar o *intraduzível* no *ultraduzível*.

4 *Qual foi o trabalho tradutório mais desafiador que você já encontrou? Qual foi a solução?*

Traduzi somente poemas de Szymborska de modo que só posso falar desse trabalho. Foram três livros traduzidos para a Cia. das Letras: *Poemas* (2011), *Um amor feliz* (2016) e o terceiro, ainda sem título, que está sendo preparado para publicação na Editora. Esse último foi traduzido em parceria com Gabriel Borowski, meu ex-orientando da Universidade Jagielônica de Cracóvia. O primeiro, *Poemas*, talvez tenha sido o menos complicado: os poemas (à exceção de uns poucos) não têm rimas e os jogos de palavras foram –digamos– manejáveis. No segundo livro tive que lidar com estruturas mais complexas. No terceiro, vários poemas contêm rimas regulares, o que dificulta a tarefa de juntar som e sentido na tradução. Nos três livros, há uma profusão de jogos de palavras.

399

O mais difícil e desafiador na tradução: recriar em português os jogos com provérbios, adágios, ditos populares e canções folclóricas que Szymborska apropria e para os quais dá novos significados. O leitor polonês reconhece as referências e pode apreciar a maneira criativa com que a poeta ressignifica essas expressões populares. Já o leitor estrangeiro perde muito da fruição por desconhecer esse repertório. A solução, no meu caso, foi tentar achar algo correspondente no repertório da língua portuguesa e da cultura brasileira.

Exemplifico: No poema com o título “Na verdade, todo poema” o leitor polonês reconhece o verso “Ala ma kota” (A Ala tem um gato) da cartilha na qual foram alfabetizadas várias gerações de poloneses. Achei que faria mais efeito uma frase de uma cartilha brasileira como “Eva viu a uva”, mais conhecida por ter sido citada por Paulo Freire na sua crítica ao método de alfabetização fônica. É possível que essa referência provoque leituras diferentes das que são feitas em polonês. Mas não é próprio do poema provocar múltiplas leituras?

5 *Como você vê o panorama dos estudos da tradução na UFPR e a grande quantidade de tradutores e tradutoras vindos da universidade? Tendo sido professora da graduação e pós-graduação da UFPR e professora visitante na Polônia por vários anos, como você vê a UFPR no cenário da tradução?*

Não acompanho todas as publicações, mas sei da importância das traduções, que têm projetado a UFPR no cenário nacional. Há os tradutores premiados como Guilherme Gontijo Flores e Caetano Galindo e também Luci Collin com suas excelentes traduções de poesia irlandesa, de Gertrude Stein e de poetas da geração *beat*. A área de Letras-polonês tem se destacado com as publicações dos professores Marcelo Paiva de Souza, Piotr Kilanowski e Eduardo Nadalin e dos ex-alunos Luiz Henrique Budant e Eneida Favre, que com suas traduções divulgam a literatura polonesa, até agora pouco conhecida no Brasil. Também no Núcleo de Estudos de Gênero há um grupo que realiza trabalhos importantes de tradução de poesia de mulheres com a professora Miriam Adelman. Desconheço se essas pessoas estão envolvidas com ensino e pesquisa na área de tradução, mas todos fazem um trabalho tradutório de alto nível.

400

6 *O que mais você já traduziu e o que você gostaria de traduzir?*

Além da poesia de Szymborska traduzi alguns poemas de Maria Pawlikowska-Jasnorzewska para uma coletânea com vários tradutores, uma publicação conjunta das Universidades de Lisboa e de Varsóvia, dedicada a essa poeta e a Florbela Espanca (*Diálogos no feminino*, 2017). Penso em traduzir Tadeusz Różewicz, outro grande poeta polonês que aprecio muito.

7 *Como você vê a relação entre a sua atuação como professora universitária, tradutora e formadora de tradutores e tradutoras na graduação e pós-graduação?*

Nunca trabalhei diretamente com questões de tradução, mas como no curso de pós-graduação ministrava uma disciplina de poesia feminina no qual havia alunas de várias áreas, líamos as poetas em tradução. Foi assim que lemos Emily Dickinson, Elizabeth Bishop, Sylvia Plath, Else Lasker-Schüler, Alfonsina Storni, Wislawa Szymborska, Anna Akhmatova.

Quando possível, cotejávamos as traduções com os poemas originais, de modo que indiretamente fazíamos também crítica de tradução.

8 *Que conselhos você daria para os jovens que se iniciam na tradução hoje?*

Algo que me disse o Paulo Henriques Britto: tradução de poesia não pode ter prazo. E eu acrescento: não tenha pressa em publicar. Revise, revise, revise, revise...

9 *Por último, qual foi o trabalho que você mais gostou de traduzir até agora?*

Szyborska, *por supuesto*.

* Rodrigo Tadeu GONÇALVES – Bacharel em Letras – Latim (2004) e em Letras – Português e Inglês (2003) pela Universidade Federal do Paraná. Doutor (2008) e Mestre (2004) em Letras pela mesma instituição. Realizou pesquisa pós-doutorado na *Université Paris-Sorbonne/ENS/CNRS – Centre Léon Robin, CNRS, França*. Professor associado II na Universidade Federal do Paraná. Pesquisador do CNPq nível 2 (2017-2020; 2020-2023). Diretor da Editora UFPR. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Departamento de Polônês, Alemão e Letras Clássicas. Curitiba, Paraná, Brasil.

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/0497560630462156>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2472-1430>

E-mail: [goncalvesrt@gmail.com](mailto:gonalvesrt@gmail.com)

** Layla Gabriel de OLIVEIRA – Graduanda em Letras – Português pela Universidade Federal do Paraná. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Departamento de Literatura e Linguística. Curitiba, Paraná, Brasil.

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/1282067103987880>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3142-6739>

E-mail: laylaoliveira.ufpr@gmail.com